

# “UM SABER QUE NASCE COM A GENTE!”

## Existe um dom para trançar cabelos?



“¡Un saber que nace con nosotros!”: ¿Existe un don para trenzar el cabello?

Luane Bento dos Santos

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Faculdade de Educação & Membro da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros e

Negras/ABPN | Rio de Janeiro, Brasil

luanebentosantos@gmail.com | ORCID iD: 0000-0003-2071-9373

### Resumo

Este ensaio tem como proposta teórica refletir sobre a categoria nativa dom. A categoria dom é utilizada em diversos universos ocupacionais para designar habilidade e talento para o exercício de uma atividade laborativa. No espaço de trabalho das trançistas afro a palavra dom sofre inúmeras adjetivações pelas trabalhadoras e estudantes de cursos de formação. Haveria um dom para trançar cabelos ou a habilidade para trançar cabelos é resultado somente de um exercício contínuo e de dedicação de horas de treino das técnicas corporais e manuais? Possuir ou não possuir o dom para trançar cabelos determina quem se mantém na área? O que ocorre com a noção de dom à medida em que a ocupação de trançista passa pela profissionalização?

### Palavras-chave

trabalho de campo; estética afro-brasileira; ocupação; dom; formação para trançistas.

### Resumen

Este ensayo tiene como propuesta teórica reflexionar sobre la categoría don nativo. La categoría don se utiliza en varios universos ocupacionales para designar habilidad y talento para el desempeño de una actividad laboral. En el espacio de trabajo de las peinadoras afro, la palabra don sufre innumerables adjetivos por parte de los trabajadores y estudiantes de cursos de formación. ¿Existe un don para trenzar el cabello o la habilidad de trenzar el pelo solo el resultado del ejercicio continuo y la dedicación de horas de entrenamiento en técnicas corporales y manuales? ¿Tener o no tener el don de trenzar el cabello determina quién se queda en el área? ¿Qué ocurre con la noción de don a medida que el oficio de peinadoras afro pasa por la profesionalización?

### Palabras clave

trabajo de campo; estética afrobrasileña; ocupación; don; formación de peinadoras afro.



## Introdução

**A**o longo dos meses de novembro e dezembro de 2021, realizei um estudo etnográfico num curso formativo para trancistas afro, no bairro de Madureira, cidade do Rio de Janeiro (RJ). O objetivo da investigação era coletar dados para a realização da minha pesquisa de doutorado que na época estava em andamento. O tema da pesquisa de doutoramento era a identidade de trabalho de trancistas afro na cidade do Rio de Janeiro. Neste sentido, etnografar um curso de formação era relevante, tendo em vista que a partir das observações realizadas naquele ambiente seria possível captar quais atributos morais, políticos e sociais esperam-se dessas trabalhadoras. De fato, o que torna uma pessoa uma trancista? Ser trancista é apenas possuir o saber de trançar cabelos e fazer outros penteados chamados de afro ou há nessa ocupação orientações políticas que estão em consonância com o ofício? Com o objetivo de compreender as minúcias que estão entrelaçadas nesta ocupação, durante quase dois meses me dirigi ao bairro de Madureira para participar como estudante matriculada no curso de trancista, mas, sobretudo como pesquisadora da ocupação.

Durante as aulas do curso diversos fatos chamaram minha atenção. Procurei relatá-los na tese de doutorado que foi defendida no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da PUC-Rio no ano de 2022.

A categoria nativa *dom*<sup>1</sup> foi uma das questões que ocuparam minhas reflexões ao longo da investigação para a escrita da tese de doutorado. Na realidade, notei que desde a escrita da dissertação de mestrado, que tratava da presença dos saberes e conhecimentos etnomatemáticos na elaboração e confecção de penteados trançados, a ideia de um certo *dom* para trançar cabelos era evocada pelas entrevistadas e entrevistados. Contudo, devido ao período curto para a realização da pesquisa e escrita da dissertação de mestrado, não me debrucei sobre a problemática. Entretanto, na pesquisa e escrita para tese a palavra *dom* surgiu

---

<sup>1</sup>*Dom* é uma categoria da linguagem nativa das trancistas e estudantes do curso de tranças. Por esse motivo, adota-se neste trabalho a palavra *dom* grafada em itálico para dar destaque a este termo oriundo do universo nativo.

como uma categoria nativa que expressava o sentido de habilidade, talento, espiritualidade, dádiva (Mauss, 1974) e ser algo inato.

No universo de trabalho das trancistas, principalmente nos cursos que têm por objetivo formar novas trancistas a ideia de *dom* para trançar cabelos está atrelada a um duplo sentido. O primeiro sentido como foi descrito acima é de talento, habilidade, uma dádiva dentre outros aspectos que podem ser considerados positivos. A segunda concepção atribuída à palavra é que o *dom* para trançar cabelos é um obstáculo no processo de ensino e aprendizado dos futuros trancistas. As professoras do curso de tranças e trancistas não veem o *dom* como uma característica positiva, pelo contrário, o *dom* é visto como uma habilidade que pode paralisar, estagnar durante o processo de aprendizagem dos noviços e noviças.

De fato, o uso da categoria *dom* é muito cara para este universo ocupacional e está relacionada a diversos movimentos de ordem econômica, política, cultural, social e histórica. Por essa razão, neste trabalho a proposta é abordar os sentidos da palavra *dom* no universo ocupacional e de formação das trancistas afro. Demonstrar como esta palavra se constitui no campo como uma marca identitária para algumas trancistas. No universo de trabalho dessas trabalhadoras, o *dom* pode ser evocado para demarcar as fronteiras identitárias das trancistas. Além disso, a categoria *dom* é vista neste universo como um elemento que pode determinar ou não a trajetória de sucesso e estabelecimento dessas mulheres na prestação do serviço de penteados trançados.

Outro dado relevante para a discussão é que todas as trancistas entrevistadas para a realização da pesquisa se autodeclararam como mulheres negras. Vivem no estado do Rio de Janeiro, no município do Rio de Janeiro, na Zona Norte, na Zona Oeste e em municípios pertencentes à Baixada Fluminense. Além disso, trabalham mais de cinco anos na ocupação.

Este ensaio está dividido do seguinte modo: na primeira parte, será descrito o perfil do curso para trancistas na cidade do Rio de Janeiro. Na segunda parte, será abordado a emergência da categoria nativa *dom* e como ele aparece de modo complexo no universo de formação e de trabalho das trancistas afro. Por último, serão apresentadas algumas considerações finais.

O trabalho está apoiado em estudos do campo da Antropologia Social, Antropologia e Sociologia do Corpo e Relações Étnico-raciais. As técnicas e métodos de pesquisas

utilizados são: levantamento bibliográfico, revisão de literatura, diário de campo, observação participante e entrevistas semiestruturadas. Neste trabalho também se opta pelo sigilo do nome das instituições investigadas e das entrevistadas. Por essa razão, são adotados nomes fictícios.

### **Do curso para trancistas: etnografando um espaço**

Cursos para formar trancistas afro não são mais uma novidade no contexto da cidade do Rio de Janeiro, na realidade na sociedade brasileira. É possível encontrar essa modalidade formativa sendo oferecida de modo presencial e virtual. Diversas páginas na internet, principalmente nas redes sociais *Instagram*<sup>2</sup> e *Facebook* trazem propagandas de cursos para formar trancistas afro ou então para aperfeiçoar ou aprender novas técnicas de entrelaçamento manual dos cabelos. Na cidade do Rio de Janeiro, os cursos para trancistas estão localizados desde a Zona Oeste em bairros como Campo Grande e Santa Cruz; na Zona Norte em bairros de Madureira, Tijuca, Ramos, Irajá; no Centro da cidade nos bairros da Lapa e Glória; e na Zona Sul nos bairros de Copacabana e Botafogo. Este fenômeno não é nada recente, visto que desde início dos anos 2000 a cabeleireira-trançadeira Afro Dai, ícone da militância negra, já oferecia cursos para formar jovens mulheres negras como cabeleireira, trançadeira e manicure (Lucinda, 2004). Contudo, é preciso dizer que Afro Dai<sup>3</sup> foi uma das pioneiras no que diz respeito a conciliar estética afirmativa negra com formação política e meio de subsistência para a comunidade. Sua proposta formativa foi tão importante que desde o ano de 2021, o dia 06 de junho no município e estado do Rio de Janeiro<sup>4</sup> é o dia da pessoa trancista. Essa data faz referência ao nascimento da cabeleireira-trançadeira e foi escolhida devido

---

<sup>2</sup> O perfil da trancista mineira Rafaela Xavier é um dos muitos que oferecem cursos para trancistas na rede social *instagram*. Endereço: <https://www.instagram.com/braidsrafa/>

<sup>3</sup> Para saber mais sobre a trajetória de Afro Dai veja a reportagem: A grande dama da beleza negra do site Mundo negro. Disponível em: <https://mundonegro.inf.br/a-grande-dama-da-beleza-negra-quem-foi-idalice-bastos-a-estrela-deixada-pelo-tempo/>. Acesso em: 06/02/2023. Assista também o documentário Tributo à Idalice Moreira Basto - Afro Dai do CULTNE na TV. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=U3ad1yR0XW8&t=119s>. Acesso em: 06/02/2023.

<sup>4</sup> Dia da Pessoa Trancista no Município do Rio de Janeiro (LEI N° 475/2021) e no estado do Rio de Janeiro (LEI n. 5664/2022)

a importância de Afro Dai para a política corpórea de afirmação estética.

Os cursos de tranças ou cursos para trancistas podem ser gratuitos como era o oferecido por Afro Dai e na atualidade por outras trancistas<sup>5</sup>, bem como podem ser ofertados de modo particular. Independente de serem gratuitos ou particulares esses espaços de aprendizado e ensino das técnicas manuais de elaboração e confecção de trançados passam a configurar no contexto atual um deslocamento do saber-fazer das tranças que outrora era repassado nas famílias e comunidades negras (Gomes, 2006; Santos, 2013).

A literatura especializada no debate da corporeidade, especialmente das manipulações dos cabelos crespos e cacheados da população negra apontam que o ato de trançar cabelos é passado de geração em geração em ambientes de sociabilidade negra. Contudo, o crescimento exponencial de cursos formativos desloca os lugares tradicionais de aprendizado deste saber e conhecer negro-africano. Vale ressaltar que o espaço interativo das redes sociais impactou consideravelmente no que se refere a obtenção das técnicas dos penteados trançados. Muitas trancistas ou estudantes dos cursos de tranças aprendem técnicas diversas em vídeos disponíveis na plataforma YOUTUBE, no *Instagram* e no *Facebook*.

Cursos para trancistas são tão importantes que as cinco profissionais, que foram entrevistadas cotidianamente para a elaboração da tese de doutorado, confirmaram que ministravam aulas em cursos de instituições privadas ou em seus salões de beleza e que por diversas vezes se aperfeiçoaram ou se atualizaram nesses espaços formativos. Para a maioria das cinco interlocutoras da pesquisa, os cursos formativos contribuem na composição de seus orçamentos mensais. Das cinco entrevistadas, quatro lecionam nesses tipos de cursos. Neste sentido, pode-se afirmar que as trancistas não sobrevivem apenas do serviço de realizar penteados trançados. Muitas profissionais já estabelecidas neste mercado de serviços de beleza oferecem cursos, vendem cabelos e utensílios que adornam e mantêm os

---

<sup>5</sup> Como exemplos as seguintes iniciativas: Projeto Tranca Terapia da cabeleireira e trancista Gabriela Azevedo na cidade do Rio de Janeiro e Mulher Negra e Cultura Criativa do Coletivo Trançado Periférico da cidade de São Paulo.

penteados, além de darem consultorias para as trançistas mais novas no mercado.

O curso investigado na Zona Norte do Rio de Janeiro, bairro de Madureira, é disponibilizado numa instituição de comerciários e ocorre de forma gratuita para a comunidade local e adjacente. Para compreensão, é preciso dizer que o curso atende apenas mulheres que têm ganhos mensais de até três salários-mínimos. De acordo com a coordenadora do curso, Maria, a atividade é voltada para o público feminino negro<sup>6</sup>. Para se tornar aluna do curso é necessário realizar a matrícula através de um formulário online disponibilizado pelo Google. A seleção das discentes é realizada pela coordenadora do curso Maria e segundo o seu depoimento são priorizados alguns aspectos como: raça/cor, renda, gênero, empregabilidade e justificativa para fazer o curso que não seja apenas a intenção de gerar renda. O curso é dividido em três módulos, a saber:

**Módulo I/ Básico:** voltado para iniciantes que dominam pouco ou não dominam as técnicas manuais das tranças afro;

**Módulo II/ Intermediário:** voltado para trançistas que passaram pelo módulo básico ou que estão em busca de se aperfeiçoarem nas técnicas de tranças consideradas mais complexas;

**Módulo III/ Avançado:** é focado preferencialmente em trançistas que cursaram o módulo I e II, contudo, recebe também trançistas que não tenham passado por formações anteriores, mas que já estejam estabelecidas no mercado. Este módulo tem por objetivo ensinar as trançistas a empreenderem no mercado de penteados afro.

A seleção de novembro de 2021 para o módulo básico do curso teve em torno de 125 inscritas, mas apenas 35 mulheres foram escolhidas para cursá-lo. Eu me inscrevi pelo formulário e consegui a vaga como estudante. Vale mencionar que o curso ficou cerca de dois anos sem funcionar devido a pandemia de Covid-19 e que somente em novembro de 2021 a instituição

---

<sup>6</sup> No cartaz de divulgação das inscrições para o curso há a informação que o curso só está disponível para mulheres. No entanto, o dado raça/cor não é explicitado na divulgação. Este critério parte da equipe do curso, especialmente da formuladora da atividade a coordenadora Maria que é uma ativista do movimento negro feminista e busca criar atividades de inclusão para mulheres negras, ou seja, procura fazer uma ação afirmativa para mulheres negras.

retornou com a atividade. Outro dado relevante é que o curso para trancista da instituição foi inaugurado em maio de 2018 e segue até o presente momento abrindo turmas. A instituição já formou cerca de 240 mulheres negras como trancistas.

As aulas ocorrem numa sala que fica no segundo piso da instituição e são ministradas pela trancista e cabeleireira afro Quilamu. A docente Quilamu trabalha na instituição desde a inauguração do curso. Além dessa unidade da instituição comercial, a docente atua em outras unidades da instituição e que estão localizadas em bairros diferentes. As outras unidades ficam nos seguintes bairros: Copacabana, Ramos e Tijuca. Também há unidades da instituição comercial em outros municípios do estado do Rio de Janeiro, como as unidades localizadas no centro do município de São Gonçalo e no centro do município de Niterói.

É preciso dizer que conheci a docente Quilamu no ano de 2005 quando organizava, como estagiária de Ciências Sociais, a feira afro-brasileira Mercado Negro. Esse projeto era pertencente ao Programa de Estudos e Debates dos Povos Africanos e Afro-americanos/PROAFRO da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ. Outro dado a ser mencionado é que minha vinculação com Quilamu também ocorreu para a realização da pesquisa de mestrado. Foi no salão de beleza afro dessa trancista que fiz minha pesquisa etnográfica e entrevistas no ano de 2013. Na época, o salão da trancista era localizado no bairro da Lapa, cidade do Rio de Janeiro, e em um prédio que funcionava como comercial e residencial. Atualmente a trancista tem um salão de beleza em sua residência no município de Nilópolis (RJ).

Como citei, realizei a observação participante e etnográfica para a pesquisa do doutorado no curso ministrado por Quilamu, assim como a entrevistei diariamente através do aplicativo *WhatsApp* devido a pandemia de Covid-19 e ao longo dos anos de 2020 e 2021. A docente Quilamu foi uma das cinco trancistas com quem mantive maior aproximação para execução da pesquisa.

Além do curso para trancista, a instituição comercial oferece outras atividades culturais e de formação ocupacional. Há também projetos educativos de debates e cursos para uma educação antirracista. Todo um movimento político realizado pelos funcionários e funcionárias negros ligados em alguma medida aos movimentos negros da cidade e estado do Rio de Janeiro.

O módulo básico do curso é composto por quatro a cinco aulas com cerca de 3 horas. Além das aulas presenciais, a professora informa às alunas sobre vídeos, palestras, materiais para o trabalho e valores a serem cobrados por penteado através do grupo da turma disponível no aplicativo de telefone *WhatsApp*. Neste grupo também são publicados áudios explicativos e fotos de etapas de elaboração dos penteados. Contudo, a palavra *dom* não apareceu neste espaço, ela foi mais corriqueira no decorrer das aulas presenciais e nas entrevistas que foram realizadas para a tese. Na próxima seção, abordo os sentidos e significados dado a palavra *dom* ao longo do trabalho de campo.

## II. “Um saber que nasce com a gente!”: um *dom* para trançar cabelos

Estranhamento é uma das palavras que define a percepção e sensação que tive durante o trabalho de campo quando ouvi a categoria *dom* ser utilizada para designar habilidade e talento de alguns estudantes do curso de formação para o ato de trançar cabelos. Em trabalhos anteriores (Santos, 2013) a categoria nativa *dom* apareceu nos discursos de meus interlocutores, no entanto, essa concepção do universo nativo não era tão valorizada e não trazia expectativas sobre o futuro profissional das trancistas. Pelo contrário, o *dom* estava presente nas falas das minhas interlocutoras como uma característica que compunha a identidade de todas as trancistas. Neste sentido, todas as trancistas e trançadeiras (outra nomenclatura para a ocupação) carregavam de modo inato o *dom* para trançar cabelos. Este dado era irrefutável nas conversas que tinha no campo. Quem não tinha o *dom* não permanecia na ocupação. Do mesmo modo, a compreensão que trançar cabelos é uma técnica corporal e manual e que técnica se aprende a partir das inúmeras repetições também era uma constatação. Naquele momento, ouvi do trancista Hébano a seguinte afirmativa: “Tudo bem que existe um *dom* para pensar, mas é um *dom* pensando. Você nasce com o *dom* e o desenvolve à medida que vai se inteirando mais e mais das técnicas. Você só descobre que tem o *dom* quando aprende as técnicas” (Entrevista realizada com Hébano em 2013).

As compreensões que tive para realizar a pesquisa de mestrado ao longo do ano de 2013 modificaram consideravelmente a partir do momento que passo a realizar a etnografia para a escrita da tese de doutorado no ano de 2021.

Durante o campo, a palavra *dom* apareceu como uma categoria mais complexa e cujos sentidos definiam mais do que apenas o sucesso e a permanência das trançistas no mercado de serviço.

No curso para trançistas a palavra *dom* aparecia frequentemente no vocabulário das estudantes. Naquele contexto ser considerada uma pessoa que tem o *dom* para trançar cabelos significava possuir um modo específico de talento, na percepção das alunas. Para Arlei Damo (2008), em seu trabalho sobre o universo profissional do futebol, a categoria nativa *dom* expressa o sentido de talento (de potencial). O estudioso comenta "no contexto do futebol de espetáculo, o termo *dom* é usado com muita frequência, em diferentes acepções, sendo uma delas sinônimo de talento" (Damo 2008:140). No universo das trançistas novças (as estudantes do curso) e das trançistas profissionais (as trabalhadoras já estabelecidas no mercado de serviço) ter o *dom* significa ser vista como talentosa, como habilidosa, como alguém que se destaca em meio ao grupo.

Durante o campo, notei que o *dom* é pensado como uma característica inerente ao indivíduo, uma forma de saber e conhecer inata. Em diálogo com o trabalho da antropóloga Sonia Giacomini (2021), que ao pesquisar a ocupação de mulata profissional nas casas de show cariocas identificou a relevância da categoria *dom* para as profissionais mulatas e seus agenciadores. Giacomini comenta que o *dom* é sempre considerado "algo interno à pessoa, é uma qualidade natural que só pode ser percebida por meio de sua atualização em alguma atividade" (Giacomini 2021:107). Os trabalhos de Damo (2008) e Giacomini (2021), que trataram de outras ocupações, contribuem muitíssimo neste debate porque possibilitam, em certa medida, a compreensão sobre o uso da categoria *dom* no universo ocupacional e formativo das trançistas. Em outras palavras, são estudos que apresentam reflexões pertinentes para a nossa análise.

Contudo, é preciso salientar que o estudo de Marcel Mauss (1974) intitulado "Ensaio sobre a dádiva" foi o primeiro trabalho no campo da sociologia e antropologia francesa a fazer um levantamento minucioso sobre os sentidos da palavra *dom* para sociedades chamadas por ele de "arcaicas". Em seu ensaio o autor desenvolve o paradigma da reciprocidade. Mostra como na circulação dos objetos entre os grupos há o estabelecimento dos atos de dar, receber e retribuir. De fato, no campo da antropologia, o estudo de Mauss foi pioneiro e trouxe diversas reflexões interessantes para o campo. Neste ensaio, as noções

maussianas também apareceram na utilização dos trabalhos de Damo (2008) e Giacomini (2021), que associam a categoria nativa *dom* a partir dos achados teóricos de Mauss e de seus precursores.

Na primeira aula do curso, a estudante Soraia foi uma das alunas identificadas pela turma como uma pessoa que tinha o *dom* para trançar cabelos. Contudo, a estudante Soraia relatou para a turma que repetia com bastante frequência as técnicas de entrelaçar as mechas capilares. Soraia trabalhava prestando o serviço de trancista afro na localidade onde morava. Neste sentido, o tempo que Soraia exercia a atividade parecia ser mais determinante para adquirir as habilidades necessárias para execução dos penteados do que ter ou não ter um *dom* para a ocupação. Apesar de Soraia relatar para a turma a sua intimidade no exercício da ocupação, em alguns momentos, ela argumentava que achava que aquele tipo de saber “Já nasce com a gente. Está lá só que a gente não sabe, não se dá conta” (Diário de Campo, 24 de novembro de 2021). Nesta perspectiva, a ideia de *dom* apregoada pela trancista Soraia não se circunscreve apenas ao sentido de *dom* talento ou potencial. Pelo contrário, o sentido de *dom* utilizado pela trancista está relacionado ao *dom* contendo o sentido da dádiva. Conforme informa Damo (2008), o *dom* como um atributo divino<sup>7</sup>. De acordo com o antropólogo, a categoria *dom* igualmente trata “de uma espécie de dádiva sagrada” (Damo 2008: 140).

O *dom* como talento/potencial e dádiva sagrada também aparece no depoimento de Graça (uma ex-estudante do curso para trancista). Ela foi aluna da primeira turma do curso, no módulo básico de 2018. Entrevistei Graça no ano de 2020 com objetivo de obter informações sobre o curso e coletar dados sobre a atividade de maneira virtual. O contato telefônico de Graça foi passado pela professora Quilamu.

Devido a pandemia de Covid-19 a minha intenção ao entrar em contato com Graça era coletar materiais, dados e depoimentos sobre os cursos de formação para trancistas localizado no bairro de Madureira, cidade do Rio de Janeiro. A ação foi tomada mediante a impossibilidade de estar

---

<sup>7</sup> Neste caminho Damo (2008) faz referência a obra de Mauss (1974) que considera a dádiva para além dos aspectos de circulação dos objetos materiais, mas também como receber valores divinos, espirituais, ser tocado e presenteado pelo mundo espiritual.

presencialmente no campo e por vivenciar naquele momento o isolamento social. Fiz uma breve entrevista com a trançista Graça, o roteiro da entrevista continha apenas quatro perguntas abertas. Graça me respondeu em poucos minutos as perguntas que eu havia enviado através do telefone pelo aplicativo *WhatsApp*. Na primeira pergunta que foi respondida pela trançista, a categoria *dom* apareceu, conforme pode ser verificado abaixo:

Pesquisadora: Por que você fez o curso de Tranças da instituição?

Entrevistada: Eu fiz o curso porque uma amiga minha me falou que a mãe dela iria fazer o curso de Madureira e eu moro próximo. Aí ela falou “Amiga vai ter um curso de Madureira, minha mãe vai fazer, você não quer ir fazer não?”. E eu estava em casa porque eu estava desempregada há mais de um ano. Então, eu estava com bastante tempo livre. Aí ela me indicou esse curso e eu fui lá por curiosidade e principalmente por causa do nome do curso: **Tranças como sinônimo de resistência**. Isso me deixou bem curiosa. Não era como a gente vê no normal: curso de trançista. Então eu fiquei muito curiosa e fui lá fazer o curso. Eu fui lá para poder ver como seria o curso. Na verdade, eu fui fazer o curso sem nenhuma pretensão porque eu nunca tinha trançado na minha vida, eu nunca tinha feito trança, eu tenho uma filha e mesmo na minha filha, eu fazia tipo um *twister (tranças de duas mechas)*. Eu quase não trançava. Então, eu não tinha pretensão nenhuma. Eu fui mesmo para conhecer qual era a proposta do curso. E quando eu me vi trançando, [percebi] que era um “*dom*” que tinha e eu não sabia, eu decidi que aquilo seria o que eu iria fazer para o resto da minha vida. Eu não imaginei que eu pudesse trançar, não imaginei mesmo! E quando botei a mão na cabeça pela primeira vez, a minha mão foi praticamente sozinha. A partir daí eu investi em mim... realmente eu fui sem pretensão nenhuma, sai de lá uma trançista. (Entrevista realizada com Graça em 9 de dezembro de 2020, grifos nossos).

Ao ler a resposta de Graça à primeira pergunta, algumas questões chamaram minha atenção. A primeira questão foi o interesse da estudante em realizar matrícula no curso devido ao seu nome. Realmente, o nome do curso propõe um olhar diferenciado para a cultura das tranças, nota-se uma associação entre as tranças afro e os processos de resistência cultural das populações afro-diaspóricas nas Américas. De fato, usar penteados afro e trançados na sociedade brasileira foi e ainda é um modo de resistência cultural por conta do racismo estético e estrutural (Santos, 2022). Desse modo, o termo resistência torna-se um sinônimo para classificar os penteados trançados. Trata-se

de um processo de resistência marcado no corpo. Uma resistência de reativar a cultura corporal das tranças e a de ressignificar de modo afirmativo para as populações afro-diaspóricas.

Outrossim, o antropólogo Júlio Tavares (2020: 26) expõe que “certas palavras convertem-se em marcadores da narrativa de um grupo e, ao mesmo tempo, conceitos que denotam as janelas para a alma imaginada daquele coletivo”. Esse sentido é dado ao termo resistência que nesse processo passa a identificar um elemento cultural das populações afro-diaspóricas.

Ainda sobre o depoimento de Graça, nele confirmam-se as considerações da criadora e coordenadora do curso, Maria, em relação ao desemprego vivido por um quantitativo expressivo de mulheres negras na sociedade brasileira. De acordo com a coordenadora do curso:

As pessoas que procuram o curso, a grande maioria, se for iniciante, é porque está desempregada e precisa urgente ganhar dinheiro e fazer renda. Muitas mães solo, muitas desesperadas, precisando de dinheiro, muita gente desempregada – é uma realidade comum. Desempregada, precisando gerar renda e ganhar dinheiro. (Entrevista realizada com Maria em 2020).

No período do curso, Graça estava desempregada há cerca de um ano. Apesar da formação na área de Tecnologia da Informação, ela estava sem nenhuma fonte de renda. Sobre o desemprego de mulheres negras, Iray Carone (2014) aponta que as mulheres negras são o grupo de trabalhadoras mais discriminado no mercado de trabalho brasileiro. A militante e feminista negra Lélia Gonzalez (2020 [1980]) considera que na sociedade brasileira as mulheres negras brasileiras são relegadas a ocuparem posições subalternas ou então estão excluídas de qualquer forma de inserção ocupacional. A socióloga explica:

Quanto à mulher negra, que se pense em sua falta de perspectiva quanto à possibilidade de novas alternativas. Ser negra e mulher no Brasil, repetimos, é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam no nível mais alto da opressão [...] Quando não trabalha como doméstica, vamos encontrá-la também atuando na prestação de serviços de baixa remuneração (“refúgios”) nos supermercados, nas escolas ou nos hospitais, sob a denominação genérica de “servente” (que se atente para as significações a que tal significante nos remete). De um modo geral, a mulher negra é vista pelo restante da

sociedade a partir de dois tipos de qualificação “profissional”: doméstica e mulata (2020 [1980]:58-59).

A persistência das desigualdades raciais é um dado da realidade social brasileira, um fenômeno social que exige a execução de muitas políticas antidiscriminatórias e de promoção da equidade racial para que ocorram mudanças significativas.

O terceiro ponto do depoimento de Graça que merece atenção está relacionado à percepção de *dom* que a trançista faz sobre sua habilidade manual para entrelaçar fios capilares. Graça expõe:

“Eu quase não trançava. Então, eu não tinha pretensão nenhuma [...] E quando eu me vi trançando [percebi] que era um “*dom*” que tinha e eu não sabia, eu decidi que aquilo seria o que eu iria fazer para o resto da minha vida. Eu não imaginei que eu pudesse trançar, não imaginei mesmo!”.

Para Graça, o talento para manusear as mechas capilares e entremeá-las com os fios sintéticos e outros componentes pode ser visto como um tipo de *dom*. Habilidade e potencial que Graça não imaginava possuir. O *dom* na narrativa da trançista é localizado como uma forma de poder e de saber que ela desconhecia. O *dom* é descrito como uma característica pessoal de Graça e que compõe parte de seu eu. Em seu discurso, o *dom*/talento aparece, como sublinha Sônia Giacomini (2021), qualificado como inerente, inato, independente da vontade/desejo do sujeito.

Em concordância com Sônia Giacomini (2021: 107), percebo que o *dom* também é considerado como a rapidez em que as técnicas manuais de trançar cabelos são absorvidas na linguagem nativa, o que pode significar o ato de “pegar rápido” uma técnica. Ademais, o *dom* é talento, mas também é uma benesse divina que Graça carrega consigo. Como diz Arlei Damo (2008), algumas representações sobre o termo *dom* o colocam no lugar de presente divino: “Essas representações do *dom* davam conta de que o termo poderia ser tomado também como sinônimo de dádiva, recebido e/ou herdado da natureza ou de divindades” (Damo 2008: 141).

O *dom*, para Graça, para as estudantes do curso e para a docente, é uma característica que nasce com a pessoa. No entanto, é preciso dizer que para a docente Quilamu o *dom* é encarado como um talento que necessita ser lapidado (Damo 2008). Para isso, é preciso que a estudante possuidora do *dom* exercite muito as técnicas dos trançados ao longo dos cursos e em

sua residência. Essa questão fica nítida quando Graça responde a quarta pergunta da entrevista.

Pesquisadora: O que é ser trancista para você?

Entrevistada: Ser trancista é uma realização muito grande. Eu não imaginava que eu pudesse ser trancista porque eu sou formada na área de Tecnologia da Informação, eu trabalhei durante seis anos na área. Trabalhei a minha vida toda na área de informática e quando eu comecei a trançar e eu vi que tinha o *dom*, eu procurei me especializar, eu pegava uma amiga para ir lá em casa e fazer tranças. Eu pedia para elas só levarem o material. E como diz a professora a Quilamu, por quem eu tenho um carinho muito grande, foi a primeira pessoa que eu tive um contato com as tranças: trança é treino. Eu comecei a treinar, comecei a investir, as clientes vieram, começaram a aparecer. Hoje para mim a trança é minha vida. Eu consigo me realizar, para mim é uma terapia. Além de eu mudar não só a aparência, mas eu acho que eu consigo mexer com a autoestima de muita gente. Porque muita gente chega lá na minha casa para fazer trança de um jeito e sai de outro completamente diferente. Então, hoje trançar é minha vida trancista. (Entrevista realizada com Graça em 9 de dezembro de 2020, grifo nosso).

Baseada nas orientações da professora Quilamu, Graça argumenta que as técnicas manuais dos penteados trançados e a agilidade para realizá-los se deve ao intenso treino, ou seja, à intensificação dos processos de repetição da confecção dos trançados – “é como diz a professora, a Quilamu [...]: trança é treino. Eu comecei a treinar, comecei a investir, as clientes vieram, começaram a aparecer”. Nota-se nesse ponto que há um paradoxo nas acepções realizadas em torno da categoria nativa *dom*. O *dom* é compreendido como talento e como divino. Quando não é percebido como divino, é no mínimo, como observou Sônia Giacomini (2021), “algo misterioso”. Como no estudo desenvolvido por Mauss (1974), o sentido empregado à palavra dádiva/*dom* no contexto social são diversos. *Dom* pode ter diversos sentidos e significados no processo de interação social.

É importante ressaltar que no contexto dos cursos para trancistas o *dom* não é o elemento primordial que determinará o sucesso das noviças. O treino, os métodos de ensino e aprendizado dos conteúdos transferidos pela docente ocupam um lugar relevante para que se alcance o sucesso na prestação desse tipo de serviço. Dessa maneira, não basta ter o *dom*/talento, é preciso que a noviça saiba aperfeiçoá-lo.

No trabalho de Sônia Giacomini (2021: 52) o “dom constitui o elemento central do processo seletivo que se realiza no curso em seu conjunto [...] ter ou não ter – vai decidir quanto ao destino de cada uma. Assim é que aquelas que não têm o dom deverão ser encaminhadas para outras profissões”. No curso para trançistas, segundo o relato da docente, o *dom* não se configura como um determinante para as cursistas exercerem a profissão. Quilamu explica:

Pesquisadora: Você acha que para ser trançista é preciso ter um *dom*?

Entrevistada: Não acredito que ter um *dom* determina, é passível de ser desenvolvido. Mas quem tem o dom nitidamente se desenvolve e se destaca dos demais. A trança tem uma assinatura. Pesquisadora: Essa assinatura está associada ao dom? Eu não entendi o que falou.

Entrevistada: Sim, muitas conseguem se desenvolver a ponto de as pessoas olharem e identificarem quem fez. De todo modo, mesmo que seja algo que outras pessoas possam desenvolver, se esforçarem, trançar exige que você goste muito do que faz porque o tempo é longo. É a principal razão para quem quer coisas mais imediatas. Acaba que o dom nessa hora determina.

Pesquisadora: O que seria este *dom*? Seria o ato de pegar e fazer a trança muito bem desde o início?

Entrevistada: Não, trançar é um processo que desafia muito quem faz. Ninguém inicia desempenhando muito bem. Mexe com a nossa capacidade de lidar com as frustrações, com a persistência, e sentimos a vulnerabilidade quando pegamos um cabelo, vem no medo de não ser capaz de desempenhar, o medo de não durar, do que vão pensar, do tempo que vamos levar para entregar. Muita coisa... superando isso começamos e enxergar beleza nos resultados, mesmo por mais torta que tenha sido a trança. Quando a gente consegue superar essa fase inicial é aí que o dom começa a influenciar mais. Ele que faz aumentar a vontade de desafiar e desempenhar cada vez mais e melhor. E não é sobre a trança mais bonita e sim o quanto essa pessoa consegue superar seus próprios limites. (Entrevista realizada com Quilamu em 30 de dezembro de 2021).

Segundo o relato de Quilamu, no início do exercício da ocupação de trançista, independente da pessoa ter ou não ter *dom* para entrelaçar cabelos, ninguém desempenha de início muito bem a arte dos trançados. Na sua concepção, o *dom* pode aparecer nas noviças conforme ocorre o processo de capacitação. Contudo, o mais relevante nesse processo é que as estudantes

superem suas dificuldades, lidem com suas frustrações e ultrapassem seus limites. Nesse sentido, a ideia de garra e de determinação de cada uma são, nesse quadro, mais relevantes do que possuir o *dom*. Sobre isto, a trancista Gabriela Azevedo, uma das cinco interlocutoras entrevistadas para o trabalho e que leciona também em cursos para trancistas, afirma:

Pesquisadora: Você acha que para ser trancista é preciso ter um *dom*?

Entrevistada: Eu acho que as pessoas que têm o *dom*, que tem a criação artística, elas são as pessoas que menos crescem nessa área porque já tem a facilidade e não visam outras questões mais empresariais. Crescer que eu falo [é] financeiramente. Então assim, hoje como se tem metodologia para tudo, né? É como escrever, é como fazer qualquer outra coisa porque exige técnica.

Pesquisadora: Então, precisa ter uma visão maior para investir na carreira?

Entrevistada: Olha, eu faço trança desde pequena, né? Minha mãe trançava o meu cabelo e eu trabalho com tranças desde nova. Mas eu só comecei a me entender como trancista e a ganhar dinheiro depois que eu comecei a trabalhar com outras pessoas. Trabalhei em salões e porque são muitas técnicas, né, e você acaba tendo de cuidar de outros tipos de cabelo, de fazer outras coisas que não tem muito a ver com o seu convívio do dia a dia. Então, você acaba tendo que pegar cabelos com texturas diferentes que não tem a ver com sua família. Então, você acaba indo para um outro rumo mesmo, sabe? (Entrevista realizada com Gabriela Azevedo em 28 de dezembro de 2021).

Se, para a trancista Quilamu o *dom* é algo a ser aprimorado e que pode ser potencializado mediante o processo de treinamento das noviças, ara Gabriela Azevedo, o *dom* ocupa um lugar instintivo e que facilita o aprendizado das técnicas dos trançados. No entanto, é preciso que a trancista e a estudante em formação compreendam que somente o *dom* não será suficiente para alcançar sucesso profissional na oferta deste tipo de serviço. Pelo contrário, como salienta Gabriela Azevedo, o *dom* pode ser um obstáculo para o aperfeiçoamento e atualização das técnicas manuais. Neste sentido, é necessário que a trancista tenha, além do *dom*, a perspicácia de especializar-se cada vez mais nesse tipo de prestação de serviço. Esse tipo de argumento sobre superação dos limites, aperfeiçoamento das habilidades para trançar, de certa forma, justifica a existência dos cursos profissionalizantes para trancistas. Ter o *dom* não será determinante para seguir na carreira de trancista. Será nos cursos que as iniciadas na arte do

trançado aprenderão as estratégias para se manterem no mercado. Como pode ser observado, os cursos de tranças tornam-se um dos principais locais em que as pessoas aprendem a diversidade de técnicas dos trançados. Repito, a família não é mais a instituição essencial que passará essa forma de conhecimento. Os cursos para trancistas representam, nessa circunstância, a modernização do ofício.

O sociólogo estadunidense Erving Hughes (1958), ao analisar a divisão social do trabalho na sociedade contemporânea, relata que as formas de ocupações que eram passadas de geração em geração, de pai para filho e de mãe para filha tendem a ser cada vez mais reduzidas. O pesquisador expõe:

As revoluções industriais de cada dia significam para o indivíduo que ele não tem certeza de seu emprego; ou, pelo menos, que não tenha certeza do emprego do filho. Isso é verdade de regiões inteiras, bem como de indivíduos; mudanças no transporte, métodos de produção, extensão das fronteiras do comércio violenta os mais profundamente enraizados e sagrados prerrogativas [...] A seleção ocupacional se torna um processo importante, para o qual a organização social. Esta seleção se torna um processo violento que começa de novo a cada dia, atomizando famílias e arrancando-os de seu solo. Podemos chamar a divisão do trabalho de “secularizada” tanto em novas ocupações (Hughes 1958: 27-28).

Dessa forma, o talento/potencial, o *dom* para o executar trançado já não é suficiente no contexto da sociedade moderna e para a manutenção da “quase-profissão” (Hughes 1958) de trancista. A socialização familiar com os trançados é importante e se deve a ela também o reconhecimento de uma habilidade para trançar cabelos, tendo em vista que esse tipo de aprendizado é mediado não somente pelo manuseio das mãos nas madeixas. Mas, também, pelo modo como cada trancista aprende a ver, sentir e ouvir o trançado (Le Breton 2019). Mas o *dom*, que pode ser compreendido como um talento herdado ou aprendido no contexto familiar, perde cada vez mais lugar no que diz respeito às qualificações que as trancistas devem obter para o mercado.

Erving Hughes (1958) argumenta que para uma ocupação ser compreendida como profissão é necessário que:

As profissões e quase profissões são inseridas por um longo treinamento, normalmente de uma maneira pré-escritas pela própria profissão e sancionada pelo Estado. O treinamento é considerado necessário para aprender a ciência e técnica essencial para a prática da função da profissão. O treinamento,

no entanto, carrega consigo como uma assimilação do produto do candidato a um conjunto de atitudes e controles, uma consciência profissional e de solidariedade. A profissão reivindica e visa torna-se uma unidade moral. É um fenômeno da cidade moderna que cada vez mais um número de ocupações está tentando ganhar para si as características e o estatuto das profissões (Hughes 1958:34).

Neste sentido, o *dom* é uma atribuição importante no exercício laborativo das trançistas, mas só ele não determina a entrada e permanência de trabalhadoras nesse tipo de prestação de serviço. Como informa Hughes (1958), as ocupações cada vez mais tendem a se encaminhar para a profissionalização e esse movimento exige o treinamento, o estudo e o emprego de metodologias de ensino e aprendizado que foram mencionados pelas duas docentes. Outro dado, como aponta Arlei Damo (2008), é que no universo do futebol, os formadores dos jogadores têm certa repulsa pelo uso excessivo da categoria nativa *dom*. Segundo Damo, para os técnicos, os especialistas na preparação dos jogadores de futebol, o termo nativo *dom* oculta todo o processo de aquisição das técnicas corporais que o esporte exige:

Fui percebendo que os formadores preferiam os termos “talento” e “potencial” em vez de *dom*. Descobri que parte da resistência advinda da crença segundo a qual a categoria *dom* encobriria o trabalho mundano, a cargo dos formadores, de inculcação dos capitais corporais exigidos pelo profissionalismo - um processo que necessita em torno de 5.000 horas e se arrasta por várias etapas ao longo de oito a dez anos (Damo 2008:140).

Trançistas como Gabriela Azevedo e Quilamu, durante as suas entrevistas, explicaram que os penteados trançados sempre foram utilizados por elas desde a infância. De acordo com seus depoimentos, as tranças sempre foram utilizadas quando eram crianças, adolescentes e atualmente na fase adulta. Nesta direção, constata-se que essas mulheres possuem muitas horas de treino e observação de como se preparam os penteados afro. Esse dado é significativo para pensar o que seria o *dom* para trançar cabelos para quem vê e sente os cabelos trançados desde a mais tenra idade. Neste sentido, será que as trançistas portam o *dom* ou tiveram ao longo do processo educativo a inculcação de técnicas corporais e manuais específicos para manipular os cabelos?

Como mencionei, o *dom* não será o elemento determinante para a permanência no curso e tão pouco para o

estabelecimento da trabalhadora no exercício da atividade laborativa. Entretanto, para Graça, ser “abençoada” com o *dom* foi importante para que ela seguisse no curso e desse continuidade se matriculando no segundo módulo (módulo intermediário). O *dom* para entrelaçar cabelos serviu como estímulo no processo de renúncia de Graça da área de tecnologia da informação. Assim como na etnografia de Sônia Giacomini (2021), constata-se que ser tocada pelo *dom* pode determinar o destino ocupacional da pessoa.

Em Howard Becker (2008[1963]), que estudou o ethos dos músicos de jazz nas casas noturnas, estes profissionais se diferenciam dos não músicos, os *square* (dos quadrados), por possuírem o *dom*. O *dom* define quem é o músico, o *dom* é um marcador importante de sua identidade, é a fronteira identitária em relação a outras ocupações. No entanto, os músicos inevitavelmente necessitam do apreço, do reconhecimento social dos *square* para sobreviverem financeiramente. São os *square*, ou seja, os não músicos, os empresários, o público das casas de show que pagam seus salários. Contudo, os *square* são incapazes de definir ou identificar se um músico possui ou não possui o *dom*. O *dom* é uma categoria notada apenas entre os músicos. Os *square* são aqueles que causam mal-estar com seus pedidos indelicados no ofício dos músicos. São incapazes de se aproximar e apreciar aqueles que detém o *dom*.

As trancistas não são definidas somente por terem o *dom*. Como foi mencionado algumas podem não ter o *dom*, mas elas precisam possuir a vontade e a determinação para continuar na carreira. Esse grupo ocupacional necessita do reconhecimento do público que atende para sobreviver economicamente. E esse reconhecimento só é atingido à medida que se especializam e se tornam hábeis no exercício das técnicas manuais dos trançados. Além disso, assim como as mulatas profissionais, o *dom* da trancista é exercido a partir da interação com o público. Como argumenta Giacomini:

O *dom* da mulata é pensado sempre como forma de interação que pressupõe uma reação ativa da plateia, essa reação constituindo-se, na verdade, em prova de atualização/existência do *dom*. Trata-se de um *dom* que, como no caso dos jogadores de futebol e dos músicos de jazz, é manifestação de uma habilidade específica, mas que pressupõe, exige a presença de um público (2021: 59).

Neste caso, o público das trancistas precisa reconhecer o seu talento, como ocorre com as mulatas profissionais. É uma atividade interativa pautada na conexão entre a pessoa trançada e a pessoa que trança. De um ponto de vista na ocupação de trancista existe o princípio da reciprocidade. Elas precisam doar o seu melhor serviço para receberem elogios e conseguem que seus clientes divulguem com valorização seus trabalhos.

Para finalizar, o *dom* é uma categoria nativa enigmática. No campo, ter ou não ter o *dom* pode determinar se a pessoa fará maiores investimentos na carreira de trancista ou não. Ter o *dom* não significa que a trancista terá mais vantagens na área de atuação. Pelo contrário, ser beneficiada com o *dom* exige que a pessoa fique mais atenta e procure sempre aprender novas metodologias. O *dom* exige esforço e determinação de quem o carrega. Ser tocada pelo *dom* só será uma vantagem nesse universo ocupacional se a pessoa souber o que fazer com a habilidade/talento, como ressaltou Gabriela Azevedo: “Eu acho que as pessoas que têm o *dom*, que tem a criação artística, elas são as pessoas que menos crescem nessa área porque já tem a facilidade e não visam outras questões mais empresariais”.

### Considerações Finais

O imaginário social em torno das atividades laborativas de origem afro-brasileira, afro-diaspóricas, localizam os saberes e fazeres na esfera dos sentidos e instintos (Santos 2013). A ideia de um *dom* para trançar cabelos é atravessada de percepções enganosas sobre a engenhosidade de técnicas manuais e corporais que são utilizadas para a confecção dos penteados trançados. Trancistas estabelecidas no mercado de trabalho têm horas de treino fio-a-fio para elaborar e realizar um penteado trançado. Essas horas de treino podem ser adquiridas ao longo de suas trajetórias de vida, principalmente em seus contextos familiares, bem como podem ser obtidas a partir de espaços formativos como os cursos que proporcionam o ensino e aprendizagem das técnicas e também longas horas de treinamento. Nesta atividade não existe uma carga horária mínima para se aperfeiçoar. Na realidade, é a interação com o usuário ou usuária do trançado que mostrará para a trabalhadora que ela alcançou o objetivo, a ideia de trabalho perfeito. São os elogios, as recomendações, o popular boca-a-boca que faz uma trancista ser reconhecida como especialista. Neste sentido, o *dom* é mais um elemento que pode ser um diferencial ou não no sucesso da trancista no mercado de

prestação de serviço da beleza negra. Mas o *dom* não determina quem sobreviverá neste mercado porque o *dom* é uma característica cada vez mais irrelevante mediante as outras atividades que as trançistas devem assumir para se sustentarem através dessa ocupação. Elas precisam trançar, vender produtos, empreender num mercado cada vez mais competitivo e com muitas pessoas oferecendo o serviço.

O *dom*, visto como natureza inata, inerente à vontade do indivíduo, pode ser um obstáculo para se conquistar um crescimento profissional, ou seja, alavancar na carreira. Além disso, a trançista só saberá o que o *dom* pode lhe proporcionar à medida que compreende as regras e exigências do universo ocupacional em que está localizada. De fato, a modernização das ocupações, a transformação das ocupações em profissões coloca o *dom* como uma característica quase que inexpressiva quando se pensa que o importante é estar atento para o treino e repetição exigido para qualquer ocupação em processo de profissionalização (Hughes 1958).

### Referências

- BECKER, Howard Saul. 2008 [1963] *Outsiders: Estudo da Sociologia do Desvio*. Trad. Maria Luiza X da Borges. Rio de Janeiro: Zahar.
- CARONE, Iray. 2014. “Breve histórico de uma pesquisa psicossocial sobre a questão racial brasileira”. In Iray Carone e Maria Aparecida da Silva Bento (org.). *Psicologia Social do Racismo: Estudos sobre Branquitude e Branqueamento*. 6.ed. Rio de Janeiro: Vozes.
- DAMO, Arlei Sander. 2008. “Dom, amor e dinheiro no espetáculo do futebol”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 23, n. 66: 139-150.
- GIACOMINI, Sonia Maria. 2021. *Profissão mulata: Natureza e Aprendizagem em um Curso de Formação*. Curitiba: Appris.
- GOMES, Nilma Lino. 2006. *Sem Perder a Raiz: Corpo e Cabelo como Símbolo de Identidade Negra*. Belo Horizonte: Autêntica.
- HUGHES, E.C. 1958. *Men and their work*. Toronto: Collier-Macmillan Canada.
- LE BRETON, David. 2016. *Antropologia dos Sentidos*. Trad. Francisco Morás. Rio de Janeiro: Vozes.

- LUCINDA, Maria da Consolação. 2004. *Subjetividades e Fronteiras: Uma Perspectiva Etnográfica da Manipulação da Aparência*. Dissertação Mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- MAUSS, Marcel. 1974. “Noção de Técnica Corporal”. *Sociologia e Antropologia*. Trad. Mauro W. B. de Almeida. São Paulo: EDUSP :209-230.
- MAUSS, Marcel. 1974. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. v. II. São Paulo: EDUSP.
- RIOS, Flavia; LIMA, Márcia. 2020. *Por um Feminismo Afro-latino-americano: Ensaio, Intervenções e Diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- SANTOS, Luane Bento dos. 2013. *Para além da estética: uma abordagem etnomatemática para a cultura de trançar cabelos nos grupos afro-brasileiros*. Dissertação de Mestrado em Relações Étnico-raciais, Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Rio de Janeiro.
- SANTOS, Luane Bento dos. 2022. “Trancista não é cabeleireira!”: identidade de trabalho, raça e gênero em salões de beleza afro no Rio de Janeiro. Tese de Doutorado em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. p. 339.
- TAVARES, Julio Cesar. O que pode o corpo negro: uma introdução. In: TAVARES, Julio Cesar (org.). *Corporeidades Afrodiaspóricas: perspectivas etnográficas*. Curitiba: Appris, 2020. p. 19-31.

#### Sites consultados

- CULTNE - O maior acervo digital de cultura negra. Disponível em: <https://cultne.tv/>. Acesso em: 11 jun. 2022
- Site **Mundo NEGRO**. Disponível em: <https://mundonegro.inf.br/>. Acesso em: 9 jun 2022.

#### Filmes

- Ancestralidade das Tranças no Rio de Janeiro**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Lmul9a8RZDQ&t=84s>. Acesso em: 3 jan 2023

**Kbela.** Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=LGNIn5v-3cE> . Acesso em: 4 nov 2021.

**Memórias Trançadas.** Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=nHCoaUvAkiU>  
Acesso em: 26/ jan. 2023.

### **Entrevistas**

**AZEVEDO, Gabriela.** Entrevista concedida à pesquisadora. Rio de Janeiro, 28 de dezembro de 2021.

**GRAÇA.** Entrevista concedida à pesquisadora. Rio de Janeiro, 10 de outubro de 2020.

**HÉBANO.** Entrevista concedida à pesquisadora. Rio de Janeiro, abril de 2013.

**QUILAMU.** Entrevista concedida à pesquisadora. Rio de Janeiro, 19 de novembro de 2021.

**QUILAMU.** Entrevista concedida à pesquisadora. Rio de Janeiro, 30 de dezembro de 2021.

Enviado: 24/03/2023  
Aceito: 23/09/2023